



LETRAMENTO, SUJEITO E POSIÇÃO SOCIAL: LEITURA E ANÁLISE DO QUE PODE SER DITO

Marcos Antônio da Silva¹
José Joaquim da Silva Neto²

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a importância que os estudos sobre a questão do letramento como um estado do sujeito de estabelecer interações nos mais diversos contextos da sociedade, além dos debates existentes sobre os conceitos de sujeito e formação discursiva no interior da Análise do Discurso (AD), este trabalho tem sua importância à medida que pretende contribuir com os outros diversos estudos existentes que abordam a temática dos conceitos inerentes à AD, nos gêneros textuais os mais diversos.

Deste modo, este texto intenta apresentar alguns comentários acerca dos conceitos de sujeito e formação discursiva, bem como fazer uma análise - com base nesses conceitos, e outros pertencentes ao campo da AD - da posição do sujeito, enquanto sujeitos sociais, a partir dos discursos produzidos por esses sujeitos.

Metodologicamente, são analisados neste texto três enunciados produzidos em momentos distintos da nossa História e duas charges que “dialogam” com dois daqueles três enunciados. Ressaltamos ainda que o material aqui utilizado foi coletado em jornais impressos e em sites/blogs da internet. O primeiro enunciado diz respeito ao “fórró de plástico”, enunciado pelo Secretário de Cultura do Estado da Paraíba, Chico César; o segundo, pronunciado pela Ministra Marta Suplicy, faz referência ao “relaxa e goza” e o terceiro foi pronunciado pelo promotor de justiça Tarcisio Leite Matos, “Ou o Brasil acaba com os Sem-Terras ou os Sem-Terras acabam com o Brasil”.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste texto é a analítica. Durante os meses de março e abril de dois mil e vinte três coletamos e selecionamos alguns enunciados produzidos por

¹ Doutor em Linguística pelo PROLING/UFPB. Professor efetivo do Instituto Federal de Alagoas – Campus Murici. E-mail: marcos.silva@ifal.edu.br

² Discente do Instituto Federal de Alagoas - Campus Murici, curso Agroindústria. Email: jjsn2@aluno.ifal.edu.br

personalidades nacionais e que foram destaque, de alguma forma, na mídia no momento em que foram proferidos. Para nosso texto, trouxemos apenas três enunciados.

REFERENCIAL TEÓRICO

A noção de sujeito, central para/na AD, sofre algumas mudanças ao longo das três épocas apresentadas por Pêcheux (1990). Inicialmente, o sujeito é visto como duplamente assujeitado/determinado. Para Pêcheux (2009, p.123), esse duplo assujeitamento funciona por meio do “inconsciente” (no sentido lacaniano) e “pela ideologia” (no sentido empregado por Althusser).

Sobre a ilusão de ser livre e dono do que diz, Pêcheux (1990, p.311) chega inclusive a afirmar que “[...] os sujeitos acreditam que “utilizam” seus discursos quando na verdade são seus “servos” assujeitados, seus “suportes”. Esse sujeito assujeitado será percebido por Pêcheux como “forma-sujeito”.

No tocante à relação do sujeito e a formação discursiva, Pêcheux (2009, p.163) diz que “[...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”. A formação discursiva deixa de ser um lugar fechado, como já visto anteriormente, para se configurar como para ser o espaço no qual os discursos oriundos de diversas outras formações se “digladiam”.

Com a identificação e a inserção das ideias sobre heterogeneidade, a questão da descentralização do sujeito será solidificada.

Assim, uma vez que é considerado “disperso”, o sujeito passa a ser visto como aquele que pode desempenhar diversos papéis (cantor, professor, pai, artista plástico, político, etc., e além disso, o fato de ser “disperso” está relacionado à questão de ainda ser incompleto, completando-se, assim, com a voz do outro. Logo, seu discurso é heterogêneo. No entanto, ainda que seja disperso e se “complete a partir do outro” e exerça diferentes papéis sociais, daí a expressão sujeito social, ou posição sujeito, esse sujeito não é totalmente livre, já que ele é regulado pela FD que determina aquilo que pode e deve ser dito.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos a partir das nossas análises estão divididas em três pontos, pois serão vistos três enunciados diferentes. O *corpus* aqui observado foi recolhido em meios diferentes e serão melhor detalhados, metodologicamente falando, ao longo da cada análise

a) O caso do “fórró de plástico”

No dia 12 de abril de 2011, durante uma entrevista em uma emissora local, quando indagado sobre a programação cultural dos festejos juninos na capital paraibana, o Secretário de Cultura do Estado, Chico César, respondeu que o Governo não iria patrocinar “fórró de plástico” para a diversão do povo.

A justificativa do Secretário para tal decisão estaria no fato de que a prefeitura está buscando propor políticas que valorizem a cultura local/regional e que é característica das terras paraibanas. De acordo com o Secretário, as bandas estilizadas “de plástico” e sertanejas não estão nos planos de contratação da prefeitura para os festejos juninos.

Claro que coube à mídia dar um maior destaque apenas ao “fórró de plástico”, porque talvez a justificativa não seja tão interessante de ser divulgada. As opiniões foram as mais diversas, alguns críticos se declararam contra e outros a favor do Secretário/cantor.

Conforme visto anteriormente, o sujeito, segundo apontamentos de Pêcheux, é um ser disperso, incompleto, clivado e interpelado pelo inconsciente e pela ideologia. Por ser inconsciente, o sujeito, que ocupa a posição social de Secretário, é ao mesmo tempo disperso, uma vez que ocupa vários papéis na sociedade, é cantor, compositor, poeta, secretário de cultura/político, em algum momento, “confunde” o lugar social de onde fala. Ou seja, é atravessado por esses diversos papéis que assume.

Enquanto representante do governo, o posicionamento do Secretário apresenta-se, de certa forma, preconceituoso, pois, sabendo que o Governo deve atuar de forma laica, porque é assim que o Governo deve se apresentar frente ao seu povo, o governo assim deveria se portar, não “representando”, assim, qualquer “tipo de música” boa ou não, nem decidindo o que o povo deve ouvir.

No entanto, enquanto cantor, compositor, pai, poeta ou outros papéis sociais que o Secretário viesse ocupar, seu discurso talvez não tivesse tanta repercussão, uma vez que é possível afirmar que entre alguns artistas ditos da “MPB” há uma grande recusa em relação às bandas de fórró, sobretudo aquelas que se utilizam de letra de duplo sentido, ou até mesmo com palavras de “baixo calão”.

b) O caso do “relaxa e goza”

Durante uma entrevista, a ministra do Turismo, Marta Suplicy, deu uma orientação “bem-humorada” aos turistas e demais passageiros que enfrentavam (e já vinham enfrentando há alguns dias) filas em alguns aeroportos, antes de embarcarem em viagens de férias.

Tentando minimizar os transtornos a ministra soltou o seguinte enunciado: "Relaxa e goza porque você esquece todos os transtornos depois [ao chegar ao destino]", durante o lançamento do Plano Nacional de Turismo 2007-2010.

O contexto em que o enunciado foi produzido reflete o momento histórico chamado ainda de “apagão aéreo” no Brasil, no qual pessoas passaram horas (muitas horas) à espera do seu embarque ou de uma resposta sobre quando poderiam embarcar.



Disponível em: [HTTP:// www.piadavisual.blogspot.com](http://www.piadavisual.blogspot.com). Acesso em abril de 2021.

Observando a materialidade linguística (verbal e não-verbal) da charge, nos chamam a atenção, logo no primeiro plano, a cor da roupa da ministra, vermelha, a posição como ela está sentada, já que tem, de certa forma, um apelo sexual, pois além da cor vermelha nos remeter ao partido da ministra, o PT, remete ainda à paixão, ao desejo, ao ardor do sexo. A figura emblemática do avião e/ou aeroporto é sempre recorrente nas charges que apresentam essa temática (Cf. Baracuhy, 2008).

Um outro ponto que pode ser observado, agora no tocante ao plano linguístico, é no enunciado “Atenção passageiros: vôo 269 atrasado”. É importante destacar que o numeral 269 está em negrito, e isso significa que este numeral deve receber mais destaque. Os dois últimos números, ou seja, 69, remetem, por sua vez, também ao universo sexual, a uma posição sexual, daí o destaque em negrito

Além disso, vale ressaltar que há uma memória social que ativa/possibilita o conhecimento de que Marta Suplicy, ministra do Turismo à época, é ainda sexóloga, ou seja, ocupa também essa posição sujeito. Esse fato nos leva a fazer essas possíveis associações das cores, forma de sentar, número 269 a todo um campo que diz respeito à sexualidade.

c) O caso dos Sem-Terras

“Ou o Brasil acaba com os Sem-Terras ou os Sem-Terras acabam com o Brasil³”.

Esse terceiro caso foi produzido por um promotor de justiça e representante do Ministério Público/RD, em 26 de agosto de 2001.

O que observamos no discurso do promotor Tarcísio Leite Matos é que, enquanto promotor de justiça, seu discurso não revela essa posição. Embora seja, talvez, um senso comum entre os brasileiros o fato de que os sem-terras possam acabar com o Brasil, num sentido figurado, quando o que eles acabam mesmo é com algumas propriedades rurais, o promotor foi infeliz ao pronunciar tal enunciado. A posição social dele não permitia que ele assim o fizesse. O que observamos é que há uma dispersão da posição social de sujeito ocupada pelo promotor de justiça, sendo o mesmo ora atravessado pelo papel de promotor/representa do Ministério Público, ora pela posição de cidadão comum.

Lembrando que nossos discursos estão condicionados/controlados e não é em qualquer lugar que qualquer coisa pode ser dita, a formação discursiva na qual estava inserido o promotor não permitia que ele produzisse esse enunciado, muito menos em um tribunal de júri, como o foi.

A fala do promotor revela, pois, um posicionamento, não mais de promotor dentro da ordem do que pode ser dito, mas de um sujeito social que apresenta um discurso do mundo empresarial (talvez) envolvido em questões agrárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção aqui foi a de analisar a posição do sujeito a partir dos discursos por ele produzidos e, ao longo dessas análises, percebemos que os sujeitos habitam dois polos da AD: o psíquico e o social. Isso nos permite pensar, comprovando as teses postuladas e apresentadas por Pêcheux, no duplo assujeitamento, enquanto sujeito interpelado e enquanto sujeito inconsciente.

As questões aqui levantadas permitem-nos ainda pensar que quando o sujeito diz algo, ou seja, quando enuncia, ele o faz deixando marcas, registros, vestígios do lugar social que ele ocupa, da formação discursiva na qual está inserido, pois esse dito/discurso é marcado por três instâncias, a saber: social, histórica e ideológica.

Palavras-chave: Sujeito. Formação Discursiva. Charge.

³ Enunciado retirado de Baronas (2001). Embora apresente este enunciado, o autor trata da questão da autoria.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARACUHY, R. Relaxa e goza: enunciado, memória e poder nas lentes da mídia. In: **Anais do III SEMAD: Sujeito e subjetividade**. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 720-728.

BARONAS, R. L. Da prisão à liberdade condicionada: breves notas sobre autoria. In: GREGOLIN et al (Orgs.) **Análise do discurso: entornos do sentido**. Araraquara, São Paulo: Laboratório Editorial/Acadêmica, 2001.

PÊCHEUX, M. Discurso: **Estrutura ou acontecimento**. São Paulo: Pontes, 1990.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. São Paulo: Unicamp, 2009.